

Síntese do Livro dos Médiuns – Segunda Parte – Das Manifestações Espíritas

Centro Virtual de Divulgação e Ensino do Espiritismo

Capítulo 25 – Das Evocações

QUESTÕES

Considerações gerais

Item: 269

1) Por que se acredita ser mais conveniente a evocação de determinado espírito em vez de se evocar quem quiser vir, ou seja, qualquer um que queira?

Resp. É mais conveniente evocar determinado espírito quando se quer falar somente com ele (um espírito familiar, por exemplo) e com nenhum outro; todavia não se deve insistir, pois o espírito evocado poderá estar impedido de responder e outro poderá se passar por ele.

Por outro lado, quando é uma reunião de estudos, para o que se precisa de orientação, deve-se fazer uma evocação não determinada, pois os espíritos que assistem ao grupo podem dar as orientações necessárias sem que se precise determinar quem responderá.

2) Que vantagens/desvantagens há nessas duas maneiras de agir?

Resp. Evocando determinado espírito teremos maiores chances de que seja mesmo o espírito chamado que irá comparecer, se não estiver impedido.

De qualquer maneira deve-se ter bastante cuidado com a evocação geral, pois é sempre uma porta aberta para qualquer espírito que esteja próximo de nós por afinidade vibratória, o que nem sempre dá bons resultados, devido a natureza nossa e dos nossos companheiros desencarnados.

Item: 270 a 273

1) Qual deve ser nossa atitude perante um espírito que se tenha evocado e que atende ao nosso chamado? Por quê? (Item: 270)

Resp. Com respeito principalmente, nos mostrando agradecidos pelo atendimento de nosso chamado.

Esse é o modo pelo qual devemos tratar qualquer pessoa que se relacione conosco, em especial aquelas que querem nos ajudar, nos esclarecer sobre qualquer dificuldade que temos, estejam elas encarnadas ou não.

Importante também, segundo Emmanuel (Livro: O Consolador), em todos os casos, que o evocador dê ao espírito prova da sua benevolência.

2) Por que é recomendado que se faça a evocação em nome de Deus? (Item: 271)

Resp. Assim estaremos mostrando a seriedade do nosso chamado, mas o que vale mesmo é a intenção que temos no coração; se usarmos o nome de Deus apenas como uma fórmula, são palavras vazias de significado - nesse caso, seria melhor nos abstermos. Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão e evitar, nas perguntas que lhe sejam feitas, as fórmulas secas e imperativas, fato que poderá afastá-lo. As fórmulas de tratamento devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o Espírito evocado.

3) Que cuidados devemos ter com as evocações de caráter particular? (Item: 273)

Resp. As perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem ideia preconcebida, se o evocador pretende obter respostas categóricas. É importante também que o evocador especifique o ponto visado. Evocar ou não um Espírito é questão que precisa, portanto, segundo Bernardes (oconsolador.com.br), ser bem avaliada, tendo sempre em mente a finalidade a que ela se presta. Toda evocação, bem como toda manifestação espontânea, deve ter uma finalidade útil.

Emmanuel examinou o tema das evocações na questão 369 do seu livro O Consolador, onde observou: “Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum”, expressando o ponto de vista de que, no trato da mediunidade, devemos ser espontâneos. Na mesma questão ele explica porque Allan Kardec a utilizou largamente, embora se saiba que o Codificador também admitiu as comunicações dadas espontaneamente nas reuniões por ele presididas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. No livro Conduta Espírita cap. 25, André Luiz reafirmou a proposta feita por Emmanuel, recomendando-nos seja abolida, em nosso meio, a prática da evocação nominal das entidades.

Assim, conclui-se que devemos sempre agir com bom senso, pesando os prós e os contras, conforme os objetivos que temos.

Livro: O Consolador – Emmanuel/Chico Xavier

369 – É aconselhável a evocação direta de determinados Espíritos?

– Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum. Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade (possibilidade de algo ser executável) somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento do seu coração.

Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada à necessidade de méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns.

Livro: Conduta Espírita – André Luiz/Chico Xavier
Cap. 25 – Perante os Mentores Espirituais

Abolir a prática da invocação nominal dessa ou daquela entidade, em razão dos inconvenientes e da desnecessidade de tal procedimento em nossos dias, buscando identificar os benfeitores e amigos espirituais pelos objetivos que demonstrem e pelos bens que espalhem.

O fruto dá notícia da árvore que o produz.

Espíritos que se podem evocar

Item: 274 a 279

1) Considerando-se que todo espírito pode ser evocado, forçosamente o que evocarmos atenderá nossa evocação? Por quê? (Item: 274)

Resp. Não. Apesar de todo espírito ser passível de evocação, isso não significa que todos tenham permissão, queiram, ou tenham condições de atender ao nosso chamado. Tudo ainda depende das circunstâncias vibratórias que envolvem evocador e o evocado.

2) Que obstáculos o médium pode oferecer à manifestação do espírito? (Item: 275)

Resp. Suas próprias e muito particulares características: a condição moral é a mais importante, mas também atrapalham a disposição do médium para o trabalho, sua perseverança, seu desenvolvimento intelectual, etc. Assim como acontece com os espíritos, o médium também precisa querer e ter condições físicas e vibratórias adequadas para atender ao chamado.

3) É conveniente que se evoque espíritos maus? Por quê? (Item: 278)

Resp. Depende do objetivo. Se for para ajudar o espírito a "acordar" para o bem e/ou com a finalidade educacional tanto para encarnados quanto para os desencarnados (vide a segunda parte do Livro: O Céu e o Inferno, guardadas as devidas proporções), é lícito que se tente contato com esses espíritos.

Porém se o objetivo for o de usar o espírito para fazer o mal, o médium responderá por essa má ação sofrendo as agruras da obsessão.

Obs.: A evocação de espíritos atrasados com fins a objetivos também atrasados, como "despachos", "amarrações", pactos, paixões, curiosidade, entre outros, sujeita gravemente o encarnado a consequências dolorosas no futuro. Porquanto, não há amparo, obviamente, de entidades esclarecidas, e aquelas, mais atrasadas, que se empenharam no trabalho espiritual, com certeza, cobrarão graves retribuições.

4) Qual é a atitude do guia do médium nessas circunstâncias?

Resp. O guia do médium tenta sempre dissuadi-lo de cometer más ações, mas nem sempre ele é ouvido, sequer consultado; assim deixa que seu pupilo siga o caminho que escolheu, que o levará à obsessão grave, caso não se corrija.

5) Interprete essa afirmação de São Luís: "O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, quando proferido por quem possa, pelas suas virtudes, servir-se dele com autoridade". (Item: 279)

Resp. Quando um esclarecedor tenta auxiliar um espírito imperfeito, apontando-lhe os valores morais que este necessita possuir para melhorar-se, encontrará dificuldades em fazê-lo se estiver despreparado para tanto. O estar despreparado não significa que o mediador não possui conhecimento necessário para isso, mas sim, que não pratica tal conhecimento, o que o torna lastimavelmente ineficaz. Assim se pode afirmar que o nome de Deus, proferido por quem não tem ascendência moral sobre os maus espíritos é uma palavra qualquer, pronunciada sem autoridade e sem compromisso.

Linguagem de que se deve usar com os Espíritos

Item: 280

1) Por que o codificador nos recomenda a não usarmos as fórmulas de deferências que utilizamos para falar com os encarnados de grande projeção social ao nos dirigirmos a esses mesmos quando desencarnados?

Resp. Porque os bons espíritos não se prendem mais aos títulos terrestres, pois na espiritualidade esses nada mais significam para eles, já que o que importa é sua posição moral.

2) Que juízo poderíamos fazer desses mesmos espíritos se exigissem ou recomendassem que os tratássemos da mesma forma de quando estavam encarnados?

Resp. Prender-se a essas fórmulas de tratamento denota o caráter atrasado (ou vaidoso, orgulhoso) do espírito, atestando assim sua inferioridade moral.

3) O que, na verdade, pode-se considerar como uma deferência ao nos dirigirmos a espíritos verdadeiramente superiores?

Resp. O respeito por sua posição moral (atestada principalmente pelo teor de suas mensagens)

4) Como devemos nos dirigir, então, a um espírito notadamente inferior, sendo ele mau ou bom?

Resp. Com benevolência e respeito para que ele se sinta acolhido, facilitando a ajuda que porventura possamos lhe oferecer - assim também mostramos a nossa seriedade no trabalho prestado.

Utilidade das evocações particulares

Item: 281

1) Por que o codificador considera que é mais adequada a relação com espíritos mais próximos de nós, tanto os de condições inferiores quanto os que já estão bem acima na escala espírita, ou estão no mesmo patamar evolutivo que nós?

Resp. Porque a proximidade facilita a nossa compreensão e torna mais "palpáveis" seus exemplos. Os Espíritos de grande sabedoria estão tão distante de nós que dificulta nosso entendimento até da situação em que eles se encontram, enquanto que "Aprendendo, pelo que eles nos dizem, em que se tornaram, o que pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, (...) bem lhes compreendemos as alegrias e os sofrimentos, a umas e outros nos associamos e destes e daquelas tiramos um ensinamento moral, tanto mais proveitoso, quanto mais estreitas forem as nossas relações com eles. Mais facilmente nos pomos no lugar daquele que foi nosso igual, do que no de outro que apenas divisamos através da miragem de uma glória celestial.

2) Que oportunidade temos de sermos úteis nessas relações com nossos iguais, ou quase iguais?

Resp. Podemos ajudar aos inferiores a nós da mesma forma que somos ajudados pelos que nos são superiores; pelo ponto de vista da divulgação da doutrina, também podemos auxiliar esclarecendo e dando exemplos de conduta moral, trazendo aos mais humildes a palavra do evangelho de Jesus em um nível que eles compreendam, desmistificando a nossa relação com os espíritos.

3) Interprete o sentido, no tema proposto, da pergunta: "Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas?"

Resp. É o mesmo que saber como ajudar, mas continuar confortavelmente apenas estudando e não colocando em prática o aprendizado, ou conhecer o caminho e não indicar suas referências. É a oportunidade que têm os que já sabem de ajudar a quem ainda não sabe, esclarecendo, estendendo mão amiga a quem precisa, sejam encarnados ou desencarnados.

Questões sobre as evocações

Item: 282

1) Todos os preceitos relacionados até o item 4 nos dizem das condições de evocação, as quais já estudamos. Assim é correto evocar um familiar já falecido para que nos ajude numa aflição ou que responda a alguma questão?

Resp. O mais correto é não evocar os espíritos familiares desencarnados, pois não sabemos como eles se encontram após o passamento e poderemos atrapalhar a sua recuperação; de qualquer maneira nossos amigos e familiares são nossos iguais e, por isso mesmo, pouco ou nada poderão fazer por nós, como acontecia quando estavam

encarnados. Assim, a evocação de nosso guia espiritual sempre é a mais adequada, porque ele poderá nos orientar nesse sentido com maior propriedade.

2) Levando em conta o que vimos até aqui, qual o papel do Centro Espírita nessas questões?

Resp. O Centro Espírita ocupa o lugar de barco seguro para o trabalho espiritual; é nesse ambiente preparado pela espiritualidade que vamos aperfeiçoar prática e conhecimento mediúnico, recebendo e dando auxílio aos nossos irmãos na fé; é o lugar onde nossos trabalhos têm mais vigor e qualificação reforçados pela união do grupo e a força dos pensamentos irmanados nas mesmas buscas. Enfim, é onde estamos protegidos para trabalhar e encontramos a fonte de energia necessária para nossas lutas pessoais.

3) Faz diferença para os espíritos a utilização de rituais, imagens ou fórmulas para evocá-los para uma comunicação ou pedido de ajuda?

Resp. Nenhuma diferença faz para os espíritos a utilização de rituais, emblemas ou objetos como imagens ou velas, assim como a utilização de roupas brancas nas reuniões, por exemplo; o que realmente faz a diferença é a intenção que temos no fundo do coração e nossos objetivos, os quais não podemos esconder.

4) Pela respostas que temos as nossas evocações é possível saber o caráter do espírito que nos atende? Explique.

Resp. Sim, além de outros sinais como a influência agradável ou desagradável que o Espírito causa no médium a se aproximar. Temos também para compor a análise do comunicante suas respostas, a forma como se expressa, a maneira como se dirige aos encarnados, as ideias que apresenta os argumentos que utiliza etc. No entanto, os benfeitores afirmam que o caráter da reunião e a seriedade com que as pessoas trabalham já é um grande repelente de entidades mais atrasadas, porquanto essas não suportam o clima espiritual da atividade e contam não serem ouvidas.

5) E a sua identidade pode ser atestada quando vem sem ser chamado particularmente?

Resp. Não. Sempre será necessário observar os sinais de familiaridade - se for evocado espírito familiar - ou de caráter concernente ao espírito que foi chamado.

6) A evocação em nome de Deus sempre afastará os maus espíritos? Por quê?

Resp. Nem sempre. Muitos maus espíritos sequer se abalam em falar falsamente em nome de Deus. A utilização dessa fórmula (ou cuidado), por outro lado, só é válida se for sincera, de coração, e é essa superioridade moral que vai afastar os maus espíritos e atrair os bons, pois no momento que nos elevamos moralmente em todos os sentidos, estaremos falando em nome de Deus, mesmo sem citá-lo.

7) Explique o fenômeno da ubiquidade.

Resp. Segundo o Michaelis, (1) Qualidade do que está ou pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo ou quase ao mesmo tempo. (2) Caráter ou propriedade do ser que está real e integralmente presente em todos os lugares ao mesmo tempo.

Assim, segundo o LE (Q. 92), Os Espíritos não tem o dom da ubiquidade. Um Espírito não pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo. Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. A força de irradiação depende do grau de pureza de cada um. Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido unicamente é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; ou, ainda, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

Então, o fenômeno da ubiquidade em relação aos espíritos, é a capacidade de irradiação do Espírito, isto é, a faculdade que o Espírito tem de se comunicar em vários lugares ao mesmo tempo sem estar nesses lugares necessariamente.

8) Por que os espíritos verdadeiramente elevados não respondem às nossas evocações?

Resp. Pela dificuldade que opomos a eles, que pode ser moral ou material, dificultando sua aproximação - eles só se comunicam com os que são puros e sinceros e essas qualidades, isentas de orgulho e egoísmo, ainda são raras entre nós... Porém eles jamais deixam de atender uma apelação sincera e justa através de seus auxiliares, se é que se podem chamar assim os espíritos que trabalham no bem, mas ainda estão no caminho da perfeição.

9) Por que não é recomendável evocar-se alguém que desencarnou recentemente?

Resp. O espiritista sincero deve buscar o conforto moral, em tais casos, na própria fé que lhe deve edificar intimamente o coração. Não é justo provocar ou forçar a comunicação com esse ou aquele desencarnado. Além de não conhecerdes as possibilidades de sua nova condição na esfera espiritual, deveis atender ao problema dos vossos méritos. O homem pode desejar isso ou aquilo, mas há uma Providência que dispõe no assunto, examinando o mérito de quem pede e a utilidade da concessão. Qualquer comunicado com o Invisível deve ser espontâneo, e o espiritista cristão deve encontrar na sua fé o mais alto recurso de cessação do egoísmo humano, ponderando quanto à necessidade de repouso daqueles a quem amou, e esperando a sua palavra direta, quando e como julgarem os mentores espirituais conveniente e oportuno (Livro: O Consolador).

Evocação dos animais

Item: 283

1) Defina mediunidade.

Resp. É a capacidade de comunicação entre Espíritos - uma capacidade inerente a todos os Espíritos.

No Livro: Libertação, André Luiz diz o que segue: "A mediunidade é uma energia peculiar a todos, em maior ou menor grau de exteriorização, energia essa que se encontra subordinada aos princípios de direção e à lei do uso, tanto quanto a enxada que pode ser mobilizada para servir ou ferir, conforme o impulso que a orienta, melhorando sempre, quando em serviço metódico, ou revestindo-se de ferrugem asfixiante e destrutiva, quando em constante repouso".

Já "O Poeta" Bezerra de Menezes, em "Doutrina e Vida" diz que "A mediunidade é um madeiro de espinhos dilacerantes, mas com o avanço da subida, calvário acima, os acúleos se transformam em flores e os braços da cruz se transformam em asas de luz para a alma livre na imortalidade".

2) Por que se pode afirmar que a evocação de um animal é impossível, mesmo se ele vier a permanecer algum tempo (como agora se sabe) na espiritualidade?

Resp. Porque essa condição mediúnica é própria dos Espíritos; no animal não habita um espírito, portanto, ele não pode ter essa condição - se isso, porventura fosse possível, como o animal iria transmitir as mensagens? Faltariam-lhe condições outras para isso, já que a mediunidade acarreta a necessária comunicação entre os seres.

O nome mesmo já diz que médium é um intermediário - aquele que faz a vez do transmissor.

3) Que conclusões podemos também tirar depois de lermos o texto?

Resp. Que somos os instrumentos dessa faculdade, da qual os Espíritos irão se servir conforme a qualidade que dermos a ela.

E essa qualidade se consegue através da educação a qual engloba estudo e exercício, além das boas intenções e compreensão clara dos objetivos dessa faculdade.

Evocação das pessoas vivas

Item: 284

1) Que efeito o corpo físico exerce na evocação de pessoas encarnadas?

Resp. Nesse período evolutivo em que vivemos agora o corpo físico é como uma prisão que embota nossos sentidos quanto mais denso ele é, ou seja, quanto mais atrasado é o espírito, maior é a "força" da prisão, dificultando a saída do espírito para fora do corpo. Assim, se somos evocado ainda encarnados, precisamos nos "livrar" do corpo físico durante o sono para podermos nos emancipar e atender ao chamado. Quanto mais adiantado é o espírito, mais fácil é essa liberdade.

2) Como fica o corpo físico do evocado quando o espírito atende ao chamado?

Resp. Dorme - ou fica em estado sonambúlico ou estático. O corpo sem o Espírito fica em estado latente.

3) É mais fácil evocar-se uma pessoa encarnada ou desencarnada?

Resp. A desencarnada porque não tem o obstáculo do corpo, está mais livre dos obstáculos inerentes ao encarnado.

4) Por que devemos nos abster de evocar pessoas encarnadas?

Resp. Por que os encarnados têm um obstáculo muito grande para vencer, o que exauri o espírito, principalmente se for uma pessoa frágil e/ou doente.

5) Em que condições não é aconselhado evocar-se encarnados?

Resp. Durante o dia, pois a pessoa estará acordada, em vigília, além das dificuldades citadas acima.

Telegrafia humana

Item: 285

1) Porque se diz que a telegrafia é a linguagem dos espíritos?

Resp. Porque a telegrafia é o pensamento sendo transmitido a pensamento - o espírito transmite para o cérebro do médium, por exemplo, e o transforma num pensamento que pode ser escrito ou falado.

Para enriquecer nosso conhecimento nesse sentido, André Luiz afirma que:

“Incontestavelmente, a linguagem do Espírito é, acima de tudo, a imagem que exterioriza de si próprio. Isso ocorre mesmo no plano físico, em que alguém, sabendo refletir-se, necessitará poucas palavras para definir a largueza de seus planos e sentimentos, acomodando-se à síntese que lhe angaria maior cabedal de tempo e influencia.

Círculos espirituais existem, em planos de grande sublimação, nos quais os desencarnados, sustentando consigo mais elevados recursos de riqueza interior, pela cultura e pela grandeza moral, conseguem plasmar, com as próprias ideias, quadros vivos que lhes confirmem a mensagem ou o ensinamento, seja em silêncio, seja com a despesa mínima de suprimento verbal, em livres circuitos mentais de arte e beleza, tanto quanto muitas Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente jugulam.

De acordo com o mesmo princípio, Espíritos desencarnados, em muitos casos, quando controlam as personalidades mediúnicas que lhes oferecem sintonia, operam sobre elas à base das imagens positivas com que as envolvem no transe, compelindo-as a lhes expedir os conceitos.

Nessas circunstâncias, expressa-se a mensagem pelo sistema de reflexão, em que o médium, embora guardando o córtex encefálico anestesiado por ação magnética do comunicante, lhe recebe os ideogramas e os transmite com as palavras que lhe são

próprias. Todavia, não obstante reconhecermos que a imagem está na base de todo intercâmbio entre as criaturas encarnadas ou não, é forçoso observar que a linguagem articulada, no chamado espaço das nações, ainda possui fundamental importância nas regiões a que o homem comum será transferido imediatamente após desligar-se do corpo físico" (EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS - André Luiz.

2) Explique como você entende a telegrafia humana?

Resp. Telegrafia humana foi uma figura de linguagem utilizada pelo Codificador para tentar comparar o que hoje denominamos como telepatia, isto é, a forma de comunicação pela transmissão dos pensamentos. Como comentado na primeira resposta, a telegrafia era a mais alta tecnologia de transmissão de informações para regiões distantes no globo; porém esta tecnologia há muito foi ultrapassada pela radiodifusão, pelos satélites e pelas nuvens de informação.

A telepatia, que seria uma espécie de telegrafia humana, hoje melhor comparada a uma irradiação humana, é a transmissão de pensamentos para o ambiente e recepção por todos aqueles espíritos que consigam se sintonizar com o emissor. A telepatia tão mais se torna natural entre os espíritos quanto mais estes se libertam dos condicionamentos materiais.